



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas – IH

Departamento de História - HIS

**A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE HOMEM BRASILEIRO NO FUTEBOL:
UM ESTUDO ENTRE ÀS DÉCADAS DE 1940 E 1950**

MATHEUS SIQUEIRA LOBÃO MORAIS

BRASÍLIA
2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MATHEUS SIQUEIRA LOBÃO MORAIS

**A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE HOMEM BRASILEIRO NO FUTEBOL:
UM ESTUDO ENTRE ÀS DÉCADAS DE 1940 E 1950**

Orientador: Prof. Dr. Mateus Gamba Torres

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de História do Instituto de Ciências
Humanas da Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em História.

BRASÍLIA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, minha mãe, Ana Lúcia Lobão, meu pai, Elson Siqueira, por toda a dedicação com a minha educação, pelo suporte e apoio incondicional durante toda a minha vida. O esforço e o empenho de vocês em poder me proporcionar oportunidade na qual não tiveram, que me deu condições de chegar até onde estou hoje.

Agradeço ao meu incrível orientador, Professor Dr. Mateus Gamba, pelos conselhos e orientações não só no ambiente acadêmico, como na vida pessoal. Tenho certeza que sem a motivação do meu orientador não chegaria até aqui, queria dizer que é um exemplo de educador.

Quero agradecer a minha amada Ágata Ribeiro, que esteve comigo e me auxiliou por todo o caminho. Sua compreensão é sem igual, obrigado por ser essa pessoa incrível.

Aos meus amigos que fiz pela caminhada até a chegada na Universidade de Brasília, pelo companheirismo e por todo o amparo nas horas difíceis. Além dos amigos que fiz na Universidade, tudo que passamos foram ocasiões maravilhosas, agradeço por tudo, principalmente, pelas piadas que melhoravam qualquer dia complicado.



RESUMO: A pesquisa, tem como objetivo apresentar o futebol como um fenômeno sociocultural do século XX no Brasil, entender como o futebol influenciou na construção do imaginário masculino no país, principalmente com a Era Vargas e a Ditadura Cívico-Militar, além das continuidades das normas autoritárias que passa pelas ditaduras e pelo período democrático entre elas. A ideia da pesquisa será observar e tensionar a construção étnico-racial e de gênero, entre as décadas de 1940 e 1950. Para essa abordagem, serão estudadas partes das narrativas construídas no período, como por exemplo o jornalista Mario Filho. Além da utilização do Decreto-Lei 3199/41, para discutir como ele serviu para a manutenção da opressão de gênero no país. Durante o artigo será investigado a forma como o autoritarismo utilizou do esporte para fundamentar seus ideais do imaginário daquilo que defendiam ser o “homem ideal”.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, homem ideal, autoritarismo e nacionalismo.

ABSTRACT: The aim of this research is to present football as a sociocultural phenomenon of the 20th century in Brazil, and to understand how football influenced the construction of the male imaginary in the country—especially during the Vargas Era and the Civil-Military Dictatorship—while also addressing the continuities of authoritarian norms that spanned both dictatorships and the democratic period in between. The research intends to observe and critically examine the construction of ethnic-racial and gender identities during the 1940s and 1950s. To support this approach, parts of the narratives constructed in that period will be analyzed, such as those by journalist Mário Filho. Additionally, the study will explore Decree-Law 3199/41 to discuss how it contributed to the maintenance of gender oppression in Brazil. Throughout the article, it will be investigated how authoritarianism used sport to ground its ideals of what it considered to be the “ideal man.”

KEYWORDS: Football, ideal man, authoritarianism, and nationalism.



INTRODUÇÃO

Primeiramente, o futebol sendo utilizado como instrumento para o fortalecimento do nacionalismo em um país, não é algo exclusivo do Brasil. Nas primeiras edições da Copa do Mundo de Futebol, Benito Mussolini já estava utilizando do esporte com a seleção italiana, como instrumento de propagação dos ideais fascistas, nos títulos de 1934 e 1938 conquistada pela *Squadra Azzurra*¹. A Copa de 1934 sediada na Itália foi uma competição, na qual Mussolini utilizou para ilustrar sua ideia de “homem ideal”, O homem ideal para o fascismo, era aquele que buscasse ser um “herói”, que passasse a noção de um indivíduo sem temor, até mesmo da morte (ECO, 2002) e a consolidação do imaginário fascista, remetendo ao tradicionalismo com ideais inspiradas em um imaginário de uma Roma antiga, pensando na restauração dos “costumes²” do antigo Império Romano.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p, 201)

O imaginário fascista se baseia em uma manipulação do imaginário, transformando memórias individuais, coletivas e históricas em uma narrativa unificada. Ele apela a emoções profundas (medo, orgulho, nostalgia) para criar uma identidade política construída sobre mitos, onde o passado é reinventado e o futuro é apresentado como uma missão coletiva. Dessa forma, o indivíduo passa a agir não apenas por suas experiências reais, mas por uma memória projetada que o conecta a uma suposta

¹ Apelido popular da Seleção Italiana.

² Costumes esses que o fascismo italiano readequava constantemente a sua filosofia. Sendo o fascismo um movimento pensado em prol de uma unidade e pureza, vitimizando uma maioria sobre determinadas minorias. Fazendo com que o indivíduo negasse suas necessidades individuais em favor dos ideais do Estado. PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007. P. 335-361.



comunidade que é “ameaçada” por aqueles que não fazem parte de um passado projetado por aqueles que dominam o poder.

A idealização do homem na perspectiva fascista italiana era algo que Mussolini visava passar em campo, almejando passar a figura de força e “virilidade” dos jogadores. Utilizando suas figuras como “heróis fascistas”, tornando necessariamente homens na figura de “heróis”, Mussolini afirmava que o homem deveria se tornar um “herói de guerra”, seguindo a ideia fascista de que “A guerra é para os homens o que a maternidade é para as mulheres” (MUSSOLINI, 1934 *apud* VALERIANO, 2017, p, 75). O objetivo de Benito Mussolini era a formação de uma construção de comoção nacional, concebendo a ideia de “novo homem fascista”, formando valores e comportamentos. Mirando como ideais, o imaginário construído dos antigos gladiadores romanos, do qual destacavam os aspectos da força física, do vigor e do espírito guerreiro (OLIVEIRA, 2004. p. 38). A Copa do Mundo de 1934, sediada na Itália foi utilizada para destacar aspectos da “romanidade³”, com as estruturas arredondadas de grandes estádios que remetiam aos confrontos dos gladiadores. Além de desenvolver nos jogadores sentimentos de uma Roma antiga e idealizada, colocando-os como indivíduos que recuperariam aquela glória e deveriam lutar por ela dentro de campo. (NASCIMENTO, 2024, p, 26-27)

A inserção do futebol no campo político por governos autoritários, passa a ter um caráter consolidador do comportamento masculino através das seleções futebolísticas. Esse aspecto se fundamenta através do fascismo italiano e passa a ser observado por diversos países, principalmente na América do Sul com a ascensão de governos autoritários com as diversas ditaduras que ocorreram no continente. No Brasil, a partir da década de 1940 é visto essa oportunidade de consolidação de uma *kultiviert*⁴, dentro da

³ “Romanidade” era a ideia de trazer conceitos da antiga Roma, com referências que remetem sua história através de aspectos ligados as diferentes áreas da sociedade como, por exemplo, a cultura e a arquitetura. Pode ser encontrada no texto: SAMPAIO, G. A. Mens sana in corpore sano? Os Estádios Monumentais De Mussolini, Salazar E Getúlio Vargas. *Artis On*, v. 7, p. 112-114, 2018

⁴ Norbert Elias, apresenta o termo *Kultiviert*, do qual é utilizado para descrever o modo de comportamento, suas indumentárias e sua fala que fazem parte de um processo ‘civilizador’ baseado em ideais eurocêtricos, através do significado da palavra “cultivado”. Desse modo, afirmando que o comportamento é cultivado, tal conceito está sendo aplicado no texto para representar o modelo ‘civilizador’ na seleção brasileira, do qual buscava ‘moldar’ o comportamento, a indumentária, as falas e a aparência dos indivíduos de gênero masculino através da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A referência pode ser encontrada no texto ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1. p, 23-25.



seleção, aspectos que verberariam até a atualidade, como no caso que ocorreu em 2024 com o jogador Yan Couto, que tinha seu cabelo tingido de rosa⁵, o jogador foi criticado internamente na instituição por seu visual não se encaixar no sentido da *kultiviert*.

A Seleção Brasileira passa por um processo complexo, indo de um local do qual os jogadores jogam futebol pelo seu país para o lugar que tende a “moldar” o comportamento do homem. Colocando o homem como uma espécie de “herói”, algo que possui semelhanças ao que foi feito no fascismo italiano por Mussolini, assim excluindo a figura da mulher do esporte por décadas. Principalmente com o Decreto-Lei nº 3199/41, que não permitia que as mulheres praticassem esportes que fossem “incompatíveis com as condições de sua natureza⁶”(BRASIL, 1941). Esse Decreto-Lei fica vigente de 1941 à 1979, reforçando assim a ideia do futebol como um esporte masculinizado, do qual era voltado apenas para a construção do ideal masculino, remetendo a ótica fascista sobre o esporte aplicada anteriormente por Mussolini na Itália.

Era perceptível a inspiração utilizada para pensar a Seleção Brasileira, principalmente na construção dos grandiosos estádios circulares que lembravam os coliseus dos quais ocorriam embates de gladiadores, como o Pacaembu em São Paulo (Figura 1) e o Maracanã no Rio de Janeiro⁷. O Brasil possuía instituições responsáveis pelos esportes como o Comitê Olímpico Brasileiro e Federação Brasileira de Esportes, o COB era responsável pelo âmbito esportivo internacional e a FBE pelo âmbito esportivo nacional. (SARMENTO. 2006, p, 6-7)

⁵ O jogador Yan Couto no ano de 2024, cortou seu cabelo curto e retirou a cor. O jogador alegou que recebeu um pedido da Confederação Brasileira de Futebol, para que removesse o rosa do seu cabelo mesmo com o jogador discordando. Pois a instituição defendia que era “meio vacilão” o jogador utilizar aquela cor. Disponível no link: </https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2024/06/6877454-yan-couto-revela-pedido-da-cbf-para-nao-usar-cabelo-rosa-na-selecao.html/>. Acesso em 12 de março de 2025.

⁶ Essa ideia é apresentada no Decreto-Lei 3199 de 1941, art. 54. Disponível no link: </https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=exclusivamente%20de%20amadores.-,Art.,às%20entidades%20desportivas%20do%20país./>. Acesso em 12 de março de 2025.

⁷ Informações sobre a construção dos estádios que remetem ao desenho do Coliseu e o conceito de “romanidade”, podem ser encontrados no texto: SAMPAIO, G. A. Mens sana in corpore sano? Os Estádios Monumentais De Mussolini, Salazar E Getúlio Vargas. *Artis On*, v. 7, p. 111-122, 2018.



Figura 1 - Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho ou Pacaembu



Fonte: Miguel Schincariol/AFP, 2024

Figura 2 - Stadio Comunale Benito Mussolini, atualmente chamado de Estádio Olímpico de Turim



Fonte: Domínio público

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) foi criada em 19 de junho de 1916, após longas discussões e conflitos internos na Federação Brasileira de Esportes (FBE). Sua fundação foi oficialmente consolidada e divulgada em 21 de junho do mesmo ano, quando a CBD assumiu o controle da Seleção Brasileira de Futebol e comunicou seu registro à FIFA.



O futebol no Brasil se torna parte *kultiviert* do país, tendo foco em moldar o comportamento social do indivíduo de gênero masculino, através da Seleção Brasileira de Futebol. Desconsiderando, assim as minorias, como LGBTQIA+ e as mulheres. Além disso, construindo o ideal do homem negro “perfeito”, tendo como exemplo a figura do jogador Edson Arantes do Nascimento, o “Pelé”, o jogador foi obrigado a servir ao exército após a vitória da Copa do Mundo de 1958⁸. Pelé foi um jogador que serviu como peça fundamental na construção do imaginário do jogador negro perfeito, seus feitos incríveis no futebol serviram para que o Estado se beneficiasse de seus êxitos utilizando de sua figura tanto internacionalmente quanto nacionalmente, para propagar uma ideia de “democracia racial”⁹ que não existia no país.

O Decreto-Lei 3199/41, no qual trabalha restrições as mulheres no ambiente esportivo solidificam a ideia do futebol como um esporte completamente masculinizado no Brasil, tendo espaço somente para os homens. O livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, escrito por Mario Filho, será discutido posteriormente, foram utilizadas a 1ª e 5ª edição para a discussão. Além do decreto será utilizado artigos de jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, visando exemplificar exemplos de casos de resistência e de questionamento do comportamento dos jogadores. Como o caso citado na introdução a entrevista do jogador Tostão ao jornal *O Pasquim* em 1970. Os jornais podem ser encontrados no site da Hemeroteca Digital¹⁰, o Decreto-Lei 3199/41 pode ser encontrado no Portal da Câmara dos Deputados¹¹. Foram utilizados o jornal *O Pasquim*, a revista *O Cruzeiro* e o jornal *Jornal dos Sports(RJ)*.

É necessário a compreensão do Decreto-Lei para compreender o machismo na atualidade em relação ao futebol feminino. Além de entender como esse machismo afetou a própria figura masculina, na construção do imaginário masculino pelo Estado. Além

⁸ Reportagem sobre o recruta 201, que foi feita pela Revista O Cruzeiro em 1959. Nela destaca a figura de Edson Arantes do Nascimento em seu período no Exército Brasileiro, além de valor recebido no período e outras experiências em seu período servindo. Disponível no link: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=pele%3a9%20no%20ex%3a9rcito&pagfis=123355>>. Acesso em 15 de março de 2025.

⁹ Mito propagado que o Brasil tinha uma democracia racial, presente em diversos momentos da breve história do país, o mito ganha bastante força durante a política da boa vizinhança e o período Vargas. Esse mito está presente até a atualidade.

¹⁰ Disponível no link: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 20 de maio de 2025

¹¹ Disponível no link: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 20 de maio de 2025



disso, será utilizado do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mário Filho como uma fonte, para compreender como um livro publicado na década de 1940 auxiliou na construção do imaginário da figura masculina no Brasil. Compreendendo assim, o quanto esse machismo exacerbado atingiu as pessoas negras.

É necessário a compreensão do Decreto-Lei para entender o machismo na atualidade em relação ao futebol feminino. Além de entender como esse machismo afetou a própria figura masculina, na construção do imaginário masculino pelo Estado. A pesquisa utilizará da História do Tempo Presente para compreender um Decreto-Lei, questionando a noção de memória consolidada pelo Estado brasileiro durante o período, principalmente ao trabalhar a figura do autor François Hartog em sua obra *Regimes de Historicidade*, ao compreender a ideia do presentismo utilizado por Hartog, se enquadra na perspectiva do período (HARTOG, 2013, p, 180-191). Principalmente, ao observar o “antigo” como uma ideia construída através de um lado mítico. Ao trabalhar essa ideia no Brasil, se percebe a noção fundamentada um passado mítico com um imaginário de uma sociedade democrática, fundamentando esse imaginário na ideia do mito da “democracia racial”. No entanto, sempre construindo esse imaginário mítico destacando a figura do homem. Paralelamente, as mulheres travavam uma intensa luta pela conquista do direito ao voto, posteriormente sofreriam com regras que restringiam seus direitos ligado ao esporte mais praticado do país.

Durante a construção do futebol como pilar cultural no Brasil, houve resistência e exclusão, marcadas pela invisibilidade imposta às minorias, como negros, pobres, indígenas, mulheres. Mesmo sendo fundamentais para a história do esporte no Brasil, foram marginalizadas em sua ascensão. O “país do futebol”, estavam com os olhos voltados para o esporte que moldava o imaginário masculino do período, enquanto, ignorava os traumas que as minorias estavam sofrendo durante o período. Principalmente com auge do autoritarismo no Brasil com a Ditadura Civil-Militar em 1964, futebolistas foram instruídos a não se posicionarem contra a ditadura que estava ocorrendo no Brasil¹².

¹² O jogador Tostão sendo aconselhado a não falar mais sobre política. Disponível no link: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html/> Acesso em 20 de maio de 2025



A Seleção Brasileira de Futebol foi moldada através de narrativas que foram construídas por quem domina o poder. A construção da identidade e a seleção da memória passa por aqueles atores que dominam o poder. O foco dos governos autoritários no Brasil em construir uma memória coletiva sobre o futebol, de fato foi um sucesso, já que houve uma continuidade após a queda de tais governos. O futebol se tornou um elemento central da identidade nacional, uma memória construída sob repressão que se transformou em “tradição”, sendo repetida, celebrada e normalizada por décadas.

Tornar-se senhor da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1984, p. 13).

A história do futebol no Brasil, também é uma história de disputa de memória. Aquilo que celebramos como “identidade nacional” foi, em parte, resultado de um projeto político. Le Goff traz a ideia de que essa memória não é neutra: ela foi construída, seletiva e excludente.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL E SEU CONTEXTO, NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

O Brasil desde o “Golpe de 1889¹³”, demonstrou estar em constante instabilidade política, principalmente com as constantes ameaças de possíveis golpes. Seguindo uma lógica de constantes revoltas na década de 1920, principalmente com as revoltas tenentistas¹⁴, a forte crise na exportação do café e as crises políticas internas que

¹³ O “Golpe de 1889” utilizado no texto se refere ao evento em que os militares e a elite republicana, liderados pelo Marechal Deodoro da Fonseca tomaram o poder. Instaurando assim uma República provisória, fundamentada em um Golpe de Estado Político-Militar. O evento é conhecido pelo nome “Proclamação da República”, comemorado no dia 15 de novembro. Não sendo uma Revolução Popular, pois tinha uma participação popular mínima, mas sim um Golpe Militar. Informações disponíveis no texto: LEMOS, Renato. A alternativa republicana e o fim da monarquia. In. SALLES, Ricardo; GRINBERG, Keila. Coleção O Brasil Imperial. v III. 1870 – 1889. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009. p. 426 – 435.

¹⁴ Durante a década de 1920, as revoltas tenentistas se tornaram frequentes. Dentre as diversas revoltas algumas se destacaram, como a Revolta dos 18 do Forte, a Revolução Paulista e a Coluna Prestes. As informações sobre as revoltas tenentistas estão disponíveis no texto: FERREIRA, Marieta de Moraes;



demonstravam como o sistema republicano brasileiro se encontrava em crise durante a década de 1920. No entanto, a principal mudança no futebol brasileiro viria através de um indivíduo que assume o poder durante a década de 1930, Getúlio Vargas. Após a disputa de Vargas e Júlio Prestes na eleição realizada no dia 1º de março de 1930, com a vitória do candidato Júlio Prestes, contestada por Vargas e seus aliados, a Aliança Liberal partido pelo qual Getúlio Vargas disputa a eleição, questiona a votação, afirmando ter acontecido uma fraude. Gerando um grande medo na política, do qual com apoio das bases políticas influentes, nas principais oligarquias do país, ocorre um movimento armado com apoio das elites e esse movimento tem como nome a Revolução de 1930, tal evento se torna um marco para o país e para o futebol. (SARMENTO. 2006. p. 38-39)

Ao assumir o poder, o Brasil estava em um processo de profissionalização do futebol, formalmente instituído em 1933 por clubes pioneiros como o Bangu Athletic Club, Fluminense Football Club e Clube de Regatas Vasco da Gama. Sua profissionalização deve ser compreendida não como um fenômeno esportivo isolado, mas como parte integrante do projeto político-ideológico do governo de Getúlio Vargas (1930–1945). Esse período, marcado inicialmente pela Revolução de 1930 e posteriormente pela instauração do Estado Novo em 1937, promoveu uma ampla reconfiguração das relações entre Estado e sociedade civil, na qual o futebol assumiu papel estratégico como instrumento de construção identitária e de controle social.

A institucionalização dessa política pode ser observada no Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, que criou o Conselho Nacional de Desportos (CND) e estabeleceu as diretrizes estatais para a regulamentação do esporte no Brasil. Tal medida evidencia o esforço do regime em assumir o controle sobre as práticas esportivas, transferindo a lógica do amadorismo elitista para um modelo igualmente hierarquizado, agora sob o comando direto do Estado. A profissionalização do futebol não implicou uma ruptura com os mecanismos de exclusão social, mas sim sua reformulação sob novas bases, inseridas no contexto de um espetáculo de massas funcional à lógica do regime. (WISNIK, 2008. p, 236-237)



DECRETO-LEI 3199/41, ARTIGO 54

Decreto-Lei 3199/41, 14 de abril de 1941. Art. 54: Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (BRASIL, 1941)

O período entre 1940 e 1979, tempo em que ficou vigente o Decreto-Lei 3199/41, o futebol passar a ser consolidado como um esporte voltado ao homem no Brasil, o decreto tinha como objetivo legitimar o futebol como um esporte exclusivamente masculino e não só o futebol como qualquer esporte que fosse considerado “inadequado” pela visão patriarcal que predominava no país a partir da década de 1940, da qual foi vigorado. Tal exclusão causou décadas de atraso no esporte feminino, sendo que o Campeonato Brasileiro Feminino de Futebol, só veio a ser inserido pela principal instituição de futebol do país a CBF, em 1992. No entanto, na década de 1980 já existiam campeonatos ligadas à outras organizações, a instabilidade era constante e em alguns anos o campeonato entrava em hiato, algo que mostra o quanto o futebol feminino foi deixado de lado pela principal instituição de futebol do país. Além de retratar como o futebol no Brasil foi pensado por uma ótica semelhante ao fascismo italiano de Mussolini, do qual pensava o futebol apenas como um esporte para construir a figura do imaginário masculino, “cultivando” o comportamento do imaginário idealizado por um patriarcado, branco e elitista. (PIMENTEL, 2007, p, 49)

Visando uma identidade nacional e social, fundamentada na figura masculina como centro, um patriarcado, fortalecendo o esporte apenas para um gênero, além de fechar as portas do esporte para as mulheres enxergando como o pilar social apenas a figura do homem, reflexo da construção social do período. Algo que reverbera até a atualidade, décadas depois do fim da proibição o futebol feminino ainda sofre de muito preconceito, dos quais grande parte da sociedade brasileira ainda enxerga o futebol como um espaço masculino enquadrado nas estéticas idealizadas do passado construído através de ideais nacionalistas imaginados fascistas. No Brasil, o esporte foi instrumentalizado como parte de uma identidade nacional centrada no homem branco, heterossexual e patriarcal, marginalizando corpos dissidentes e reafirmando normas sociais excludentes. Sendo constantemente identificados casos desse tipo em estádios de futebol, mídias



sociais e em outros ambientes. Possuindo homens que são super protegidos de seus atos, construídos como heróis, que ao atingir a fama tornam-se objeto de uma repetição de comportamento que será seguido por jogadores que almejam alcançar determinado “sucesso”¹⁵.

O Decreto-Lei 3199/41, art. 54, demonstra um aspecto que diversas vezes é ignorado ao pensar o futebol brasileiro, a forma como mesmo no período entre ditaduras esse artigo esteve em vigor. Demonstrando a manutenção da opressão de gênero no país, além do fator de mesmo em um período dito democrático, que seria o período entre 1945 à 1964, o Brasil mantinha políticas autoritárias, mesmo vivendo em uma república. O futebol que era o esporte que representava o país, principalmente pelos dois títulos da Copa do Mundo de Futebol, que foram conquistados em 1958 e 1962. Um país que crescia com a falsa ideia do mito da “democracia racial”¹⁶, simplesmente, não tentava nem ao menos mascarar seu patriarcado e a forma como ignorava as mulheres. O fato do futebol, o esporte mais popular do país, ser considerado “inadequado” para as mulheres por 38 anos é uma mancha no esporte brasileiro que retrata a sociedade brasileira da época, da qual se apoia abertamente em ideias fascistas para sustentar seus ideais.

O Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, representa um marco emblemático da forma como o Estado Novo instrumentalizou o esporte como ferramenta de engenharia social,

¹⁵ Ideia da “dispositivo central” de comportamento dos jogadores de clubes que repetem o comportamento daqueles que estão Seleção Brasileira de Futebol, sendo a CBF esse “dispositivo central”, do qual possui a instituição é o próprio “laboratório de comportamentos inéditos” e elaborador de novas normas. Foi utilizado como base do argumento, o pensamento de Norbert Elias em *A Sociedade de Corte*, da qual o autor coloca o dispositivo central de comportamento que acontece nas classes mais baixas em relação ao que se acontecia na sociedade da corte. Um exemplo disso, é a forma como a CBF age em relação ao comportamento, que para um jogador fazer parte da elite, deve se adequar não apenas a quesitos técnicos, mas aparência, pensamento político, sexualidade e dentre outros aspectos. Somadas essas ideias, é possível enxergar um certo padrão de jogador. Jogadores como Yan Couto, citado no trabalho pela questão da cor do cabelo, jogadores como Afonsinho e Reinaldo, que tiveram conflitos políticos por se posicionarem contrários a Ditadura Cívico-Militar, são exemplos de jogadores que não se enquadram no comportamento desse “dispositivo central”. A ideia pode ser encontrada em: ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 20-22.

¹⁶ O mito da “democracia racial”, defendia uma narrativa que o Brasil era um país inclusivo, no qual não se existia mais o racismo, buscando silenciar o racismo que pessoas negras sofrem cotidianamente, além de “ocultar” a exclusão social. “A tendência de parte significativa da intelligensia nacional é no sentido de preservá-lo. Se ainda não somos uma democracia racial é o que devemos ser e, para tanto, qualquer forma de conflito racial explícito deve ser evitado.” CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 138.



consolidando, entre outros aspectos, hierarquias de gênero institucionalizadas. A proibição expressa da prática de determinadas modalidades esportivas por mulheres, conforme estabelecido em seu artigo 54, ilustra a tentativa do regime de normatizar os corpos femininos com base em concepções patriarcais de aptidão física e moralidade. Tal dispositivo legal não apenas excluiu mulheres dos espaços esportivos formais por décadas, como também reforçou estereótipos que ainda persistem nas práticas e representações esportivas contemporâneas.

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO, POR MARIO FILHO

A trajetória do negro no futebol brasileiro está muito ligada, para Mario Filho¹⁷, ao contexto social em que o Brasil se encontrava, a imagem na qual o país queria passar. Desde o momento em que o Bangu Atlético Clube e o Clube de Regatas Vasco da Gama se colocam como resistência inserindo jogadores negros no esporte, o futebol serviu não só como uma atividade esportiva, mas também como lugar simbólico de conflitos raciais, sociais e culturais. A chegada do negro nesse campo não foi normal, muito menos calmo, como dizem certos discursos idealizados. Pelo contrário, ela foi marcada por resistências institucionais, preconceitos estruturais e métodos sutis de excluir pessoas negras, retratando as contradições do mito da “democracia racial” brasileira.

De fato, o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, feito pelo jornalista Mario Filho, publicado em 1947 é um livro revolucionário, pela forma como é construída a narrativa ao redor do negro, dando protagonismo ao jogador negro e sua inserção no futebol brasileiro. Um futebol elitizado, formado por jogadores brancos das elites, Mario Filho apresenta em sua narrativa, diversos pontos que retratam as diferentes dificuldades que ocorreram até o homem negro ocupar seu espaço no futebol. Mario Filho, é um jornalista que amplia os horizontes, acaba ocupando um espaço que poderia ser da História.

¹⁷ Mario Filho foi um jornalista brasileiro, que consolidou o futebol como um pilar central para se compreender os aspectos da identidade nacional. Mario Filho viveu entre 1908 e 1966, seus trabalhos se tornaram referência ao se discutir o futebol. Considerado como “Pai do jornalismo esportivo no Brasil”.



No prefácio da 5ª edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicado pela editora Mauad X em 2010¹⁸, os prefácios das edições anteriores são compilados no início da 5ª edição e neles são colocadas informações que contextualizam a obra. Mario Filho tem sua importância ao se discutir tanto o futebol, como a inserção do negro no futebol brasileiro, assim como o autor de certo modo acaba romantizando estereótipos em sua obra, o papel de sua obra é acentuar como o mito da “democracia racial” é existente no futebol, algo que nunca ocorreu. Um retrato disso é o próprio fato citado pelo autor o conhecido “Maracanazo”, jogo da Copa do Mundo de 1950 entre a Seleção Brasileira de Futebol e a Seleção Uruguaia, o jogo acabou com o placar de 2 à 1 para os uruguaios. A partir da segunda edição, publicada em 1964, o jornalista Mario Filho aborda Copas do Mundo, posteriores à 1947, além de destacar seus “heróis”. Nesta 2ª edição, o autor destaca aquele ponto no qual vai contra as suas ideias construídas em sua 1ª edição, o autor coloca uma falsa ideia meritocrática e democrática dentro do futebol brasileiro, algo que não entra de acordo quando o mesmo destaca como um Maracanã inteiro se voltou contra os jogadores negros, após o “apito final” quando o jogador Bigode e o goleiro Barbosa são completamente os hostilizados por milhares de torcedores que estavam no Maracanã. Com a eliminação no quadrangular final, só foi demonstrado o quanto o racismo no Brasil era algo estrutural que atinge todos os espaços. Esse fato, vai de encontro a ideia de o futebol como um espaço democrático para o jogador negro. (FILHO, 2010, p, 285-290)

O papel de Mario Filho como jornalista, sem dúvidas foi essencial para compreender o país, além de apresentar as desigualdades e preconceitos no meio esportivo. No entanto, o jornalista foi um dos pilares para o fortalecimento do mito da “democracia racial”, principalmente, no meio futebolístico. Sua narrativa fortaleceu a construção de “heróis” como Edson Arantes do Nascimento, o “Pelé¹⁹” e Leônidas da Silva²⁰. Para Mario Filho o racismo não tinha mais espaço dentro de campo, se tornou

¹⁸ Essa edição compila textos publicados pelo autor posteriormente. Podendo ser encontrada a informação na introdução da 5ª edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*.

¹⁹ Edson Arantes do Nascimento ou “Pelé”, é considerado o “Rei do Futebol”, “Fifa Player of the Century”. O jogador foi bicampeão do Mundial de Clubes, bicampeão da Libertadores da América. multicampeão brasileiro pelo Santos. Além de tricampeão da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira de Futebol. Informações disponíveis no link: </https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-pele/>. Acesso em 22 de maio de 2025

²⁰ Leônidas da Silva, possivelmente foi o primeiro ídolo do futebol brasileiro, esteve na primeira semifinal



algo completamente superado dentro das quatro linhas segundo Mario Filho graças as lutas individuais de jogadores como Pelé, Garrincha e Leônidas.

Branco, mulato ou preto. Porque em foot-ball não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. (FILHO, 1947, p, 293)

Mario Filho em sua obra, romantiza estereótipos, reforça preconceitos e deslegitima a luta coletiva, em prol de destacar seus heróis. A obra do jornalista reforça o machismo e a delimitação do esporte durante o período, contrastando com o Decreto-Lei 3.199/41 artigo 54, citado anteriormente. O autor destaca falas utilizadas no período que conversam com a exclusão que ocorria no período em que vigorava o Decreto-Lei, como a seguinte fala “Futebol é jogo p’ra homem!” (FILHO, 2010, p, 308). Essa fala, reforça o quanto a discussão sobre gênero é completamente ignorada na obra, o futebol masculinizado ganha ainda mais legitimidade por meio da narrativa construída pelo jornalista.

O jornalista, apresenta algo que se enquadra com a ideia apresentada anteriormente do *kultiviert*, visão essa que apresenta o futebol brasileiro como uma forma irracional, a ginga surgindo dessa irracionalidade, que vem da capoeira, do samba. No entanto, essa perspectiva demonstra como Mario Filho apenas repete um discurso eurocêntrico, produzido pelo jornalista no qual o ideal masculino para ele é a figura do homem inglês no futebol. O autor narra a conquista da Copa do Mundo 1958, na qual mais uma vez seleciona heróis e destaca o Plano Paulo Machado de Carvalho²¹. O autor demonstra que naquele momento a Seleção Brasileira de Futebol, alcançou o seu ideal masculino, na qual os jogadores se tornaram “ingleses”. Algo que no início da obra já define os britânicos como “o futebol bem ordenado²²”. Sua perspectiva eurocêntrica, não

da Seleção Brasileira de Futebol em 1938, jogou por Vasco da Gama, São Paulo, Botafogo e Flamengo. Popularizou a bicicleta e suas atuações lhe renderam a alcunha de “Diamante Negro”. Informações disponíveis no link: </https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/512679/>. Acesso em 22 de maio de 2025.

²¹ O Plano Paulo Machado de Carvalho foi inserido na Seleção Brasileira de Futebol, logo após a Copa do Mundo de 1954. Copa essa em que ocorreu uma batalha violenta entre os brasileiros, os húngaros e parte da torcida que assistia a partida. Com isso, a seleção passaria a ter seu comportamento, seu físico e até mesmo suas falas ligadas a Confederação Brasileira de Futebol ou Confederação Brasileira de Desportos como era chamada no período JUNIOR, M.A.F. Plano Paulo Machado De Carvalho: Um Projeto Modernizador Ou Uma Tentativa De Civilizar Os Jogadores Brasileiros? Recorde: Revista de História do Esporte, v. 7

²² Frase utilizada tanto por Gilberto Freyre em seu prefácio para a 1ª edição, como Mario Filho ao narrar as



difere daquilo que os governos autoritários pregavam com o mito da “democracia racial”, o olhar que estava até mesmo no século XIX de ter como ideal o indivíduo que possuísse semelhanças aos europeus. “Foi um campeonato conquistado sem nenhuma mancha. Nunca uma equipe foi mais limpa, mais inglesa, no sentido do inglês ideal, ideal recôndito de todo brasileiro.”²³ (FILHO, 2010, p, 328)

A obra de Mario Filho tem sua importância histórica, mas é necessário se atentar ao seu conteúdo. O mito da “democracia racial”, o imaginário masculino utilizado pelo jornalista e seus heróis construídos, fundamentaram governos autoritários e até mesmo ditadores. O ditador Emílio Garrastazu Médici, utiliza do mito e dos heróis após a conquista da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1970, a obra de Mario Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, sem dúvidas produziu um grande impacto no país. Aspectos positivos destacados pelo autor, como o Plano Paulo Machado de Carvalho, serve para posteriormente, calar os jogadores e defender a obediência absoluta, limitando a opinião de atletas que eram contra a Ditadura Cívico-Militar que ocorreria entre 1964 e 1965. A construção do homem negro ideal para Mario Filho, se torna uma peça importante, principalmente para os militares, Edson Arantes do Nascimento é o jogador que ganha uma visibilidade gigantesca. Sendo uma figura que em seu período como jogador não demonstrava oposição aos governos, um fator que foi construído no jogador Pelé, Edson Arantes do Nascimento se torna uma figura desconhecida, para que o símbolo “Pelé” surja, o historiador Marcos Guterman, compara o surgimento do jogador ao nascimento de Cristo “Exatamente um ano mais tarde, em data que está para o futebol assim como o nascimento de Cristo está para a história – 7 de setembro de 1956 –, um garoto de 15 anos, apelidado de “Pelé”, estreava entre os titulares do Santos.” (GUTERMAN, 2012, p, 138). Pelé dentro de campo, torna-se um símbolo maior que o indivíduo que o carrega. Por fim, sua obra é como uma fotografia em sépia: carrega valor histórico, revela muito, mas não tudo. Há beleza, sim, mas também silêncios gritantes. É

transformações iniciais do futebol no Brasil. FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro, Rio de Janeiro, Mauad, 2003, 5ª edição, 2010, p, 24-26.

²³ Nessa citação, Mario Filho está trabalhando a conquista da Copa do Mundo de 1958, na qual Mario Filho demonstra sua admiração pelos ingleses. Algo complexo no campo futebolístico, já que até 1964, momento que a segunda edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* foi publicado, o futebol bem ordenado e tático descrito por Mario Filho, não ergueu a taça de campeão do mundo nenhuma vez. Sendo os ingleses campeões do mundo somente no ano da morte do jornalista em 1966.



preciso reler Mário Filho, questionando o que se disse, o que se calou, e o que se idealizou. A obra do jornalista Mario Filho, deve ser acompanhada de uma perspectiva crítica, contextualizando e compreendendo sua obra.

A “DISCIPLINARIZAÇÃO” E “CIVILIZAÇÃO” DA SELEÇÃO BRASILEIRA: A “BATALHA DE BERNA”

O episódio conhecido como “Batalha de Berna”, no qual ocorreu em 27 de junho de 1954 durante a Copa do Mundo da Suíça, entre as seleções do Brasil e da Hungria, tornou-se um dos marcos mais controversos da história do futebol brasileiro. A partida, marcada por extrema violência, agressões físicas dentro e fora de campo e expulsões de ambos os lados, expôs internacionalmente uma face indisciplinada e agressiva da equipe brasileira. Mais do que um evento esportivo isolado, a “Batalha de Berna” foi interpretada como um ponto de inflexão no processo de construção da identidade da Seleção Brasileira, contribuindo para a formulação de um projeto de disciplinarização e “civilização” dos jogadores, aplicando o conceito de “*kultiviert*”. (COSTA, 2015. p, 156)

O futebol brasileiro da década de 1950 ainda carregava traços de informalidade, imprevisto e desorganização institucional. A violência registrada em Berna não foi vista apenas como uma derrota esportiva, mas como um vexame moral que comprometeu a imagem da nação brasileira no exterior, gerando repercussões na mídia internacional e no discurso das elites políticas e esportivas. A resposta institucional a esse episódio envolveu não apenas mudanças técnicas e administrativas, mas também uma tentativa deliberada de reformar o comportamento e a aparência dos jogadores brasileiros, dentro de uma lógica de moralização, controle dos corpos.

É no terreno das disputas identitárias que os jogos foram narrados e seus resultados foram interpretados desde 1950, no caso brasileiro. A configuração de uma competição que aciona naturalmente o mercado dos estados-nação acaba por obscurecer a análise dos fatores intrínsecos dos jogos e dos esportes quando esses são englobados pelas narrativas nacionais. Os resultados não são analisados a partir da organização tática nem pelo reconhecimento da técnica do “outro”, uma vez que esses aspectos foram obliterados pelo clima nacionalista da estrutura desse tipo de competição pela mídia. (COSTA, 2015. p. 165)



Essa reconfiguração pode ser entendida como parte de um projeto mais amplo de “civilização dos costumes” no futebol, ligado à modernização do esporte e à inserção simbólica do Brasil como nação” respeitável²⁴” no cenário global. Nos anos seguintes, notou-se uma crescente preocupação com a conduta disciplinar dos atletas, seu preparo físico, sua apresentação estética (uniformes, cortes de cabelo, postura) e, sobretudo, com a imagem da Seleção como portadora de valores nacionais positivos. Tal projeto se concretizaria, em parte, na campanha vitoriosa da Copa do Mundo de 1958, na Suécia, quando o Brasil conquistou seu primeiro título mundial. Agora sob um discurso que conciliava talento e disciplina, improvisação e ordem. (JUNIOR, 2014)

Após esse evento, o Brasil passa a ser reconhecido internacionalmente, como um país de pessoas violentas e agressivas, a partir desse momento entra a figura do Paulo Machado de Carvalho²⁵ e seu plano que buscava “civilizar” os jogadores da seleção com o PPMC. Que dentre suas diretrizes, continha a ideia de obediência absoluta, transformando jogadores de futebol em soldados moldados por um Estado que não considerava suas individualidades e excluía minorias.

A figura do Paulo Machado de Carvalho e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), tiveram grande importância naquilo que a seleção se tornaria. A profissionalização de toda equipe técnica, além de uma grande quantidade de especialistas ocuparam o espaço da seleção. Os jogadores passaram a ter seu comportamento, suas falas e seus corpos monitorados. A afirmação era de que se almejava uma profissionalização, de fato a Seleção Brasileira de Futebol passou a ser acompanhado por médicos, psicólogos e uma equipe focado na saúde dos atletas. Mas se via uma tentativa de “civilizar” os jogadores e passar uma imagem de uma forte seleção que não passava

²⁴ Aplica-se na ideia de “respeitável” e “civilização dos costumes” no parágrafo o mesmo sentido aplicado ao uso da palavra “*kultiviert*”, pois esse sentido de “civilização” apresentado, remete a um conceito completamente eurocêntrico de “civilização”. O autor Felipe Rodrigue da Costa (2015), apresenta o imaginário de Estado-nação que estava construído e como o país foi visto como uma sociedade não “civilizada” e “agressiva” pelos europeus. Assim, se começa um plano no qual visava adequar os jogadores para um padrão internacional.

²⁵ Paulo Machado de Carvalho era um empresário de nome bastante conhecido, sendo homenageado dando nome ao atual Pacaembu. Paulo Machado de Carvalho era dono de empresas de rádio e televisão, esteve ligado a seleção brasileira em diversas ocasiões, levou suas ideias empresariais para a Seleção Brasileira de Futebol. JUNIOR, M.A.F. Plano Paulo Machado De Carvalho: Um Projeto Modernizador Ou Uma Tentativa De Civilizar Os Jogadores Brasileiros? Recorde: Revista de História do Esporte, v. 7, p. 1-25, 2014.



mais de um grupo que praticava violência, ligada pelos europeus a perspectiva de países “subdesenvolvidos” e o Estado brasileiro buscava se desvincular dessa imagem, que ganhou força após a “Batalha de Berna”. (JUNIOR, 2014)

O jogador que surge como um “mito” para o contexto da obediência, quase que absoluta é o Pelé, o jogador que ganha a alcunha de “Rei do Futebol” por suas boas atuações nas partidas da copa do mundo de 1958 que se tornaram lendárias²⁶. Pelé após o título da Copa do Mundo de 1958, com grandes atuações e um mito construído de “ídolo da nação”, acaba indo para o exército²⁷, Edson Arantes do Nascimento, se torna o recruta 201. Pelé, não parecia satisfeito, acreditava já ter servido a seleção durante a Copa do Mundo de 1958, no período ser convocado pela Seleção Brasileira de Futebol. No entanto, no período Pelé continuou jogando futebol, claramente a ida do jogador ao exército era uma forma de propaganda para a instituição, como forma de atrair novos jovens e demonstrar poder. Na entrevista é citado outros jogadores que passaram pelo exército como Zito e Gilmar.

Após seu período no exército, o jogador conquistou cinco campeonatos brasileiros, quatro campeonatos paulistas, duas Libertadores da América e duas Copas Intercontinentais. Na final contra a forte equipe do Benfica que havia sido campeã da Coupe des Clubs Champions Européen²⁸, do craque português Eusébio, Pelé era bastante exaltado pela mídia. Afirmando que Pelé “vale o espetáculo”, Santos como favorito e que Pelé já era considerado ‘Rei’ até no Egito. Mostrando uma charge que Pelé estava acima de Alfredo Di Stéfano²⁹ com outros jogadores e segurando uma coroa³⁰. Isso mostra como

²⁶ Reportagem que destaca como as pessoas que foram ver o trio francês e encontraram o jovem Pelé dando um show na Copa do Mundo, com seus três gols nas semifinais contra a França. Disponível no link: </https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_02&Pesq=%22Brasil%20x%20Fran%20c3%a7a%22&pagfis=22082/>. Acesso em 30 de junho de 2025.

²⁷ Reportagem sobre o recruta 201, que foi feita pela Revista O Cruzeiro em 1959. Nela destaca a figura de Edson Arantes do Nascimento em seu período no Exército Brasileiro, além de valor recebido no período e outras experiências em seu período servindo. Disponível no link: </http://memoria.bn.gov.br/DocReader/003581/123355/>. Acesso em 17 de junho de 2025.

²⁸ Conhecida hoje como Champions League, seu nome era diferente. Mas o peso para a história de um clube era o mesmo. Nome disponível no link: </https://pt.uefa.com/uefachampionsleague/history/seasons/1960//>. Acesso em 17 de junho de 2025

²⁹ Campeão diversas vezes pelo Real Madrid. Ganhador de cinco Taças dos Clubes Campeões Europeus, atual Liga dos Campeões da UEFA, além de ter conquistado a Ballon d’Or. Jogou pela Seleção da Argentina e Espanha. </https://ludopedio.org.br/museu-galeria/alfredo-di-stefano/>. Acesso 20 de junho de 2025

³⁰ Reportagens sobre os temas que se referem no parágrafo, além da charge com Pelé acima de Di Stefano, já em 1962 estão no Jornal dos Sports(RJ). está disponível no link:



o Santos era colocado perante aos Europeus, o Santos era o time a ser batido. Após o jogo contra o Benfica em Lisboa, Pelé ganhou uma figura mítica. Jornais afirmavam que Pelé deu um “show”, brilhava em campo fazendo seus três gols que foram exaltados ao máximo, sua atuação era dita como “lusos nunca viram coisa igual³¹” e a partir desse momento Pelé se torna um ser mítico, praticamente um deus. O jogador se torna o “negro divino”, aquele que em uma goleada foi aplaudido pela torcida adversária. Pelé se tornou maior que Edson Arantes do Nascimento, como descreve o jornal ao colocar que “a pessoa é inferior ao próprio mito”³².

Pelé serve como o ideal da *kultiviert*, toda a noção de “civildade” construída por décadas no futebol tem seu ápice na figura do “Rei do Futebol”, Pelé como jogador em campo era um mágico sem igual, um jogador único e fora dele foi tão importante quanto dentro de campo. O jogador se torna um referencial do ideal de atleta negro, ele era aquilo que tanto almejou Vargas e outros governos autoritários. Um jogador que representava uma noção daquilo que acreditavam ser a “meritocracia”, o mito da “democracia racial, o “negro divino”, o jogador que enxerga seu contexto social e permanece calado. Um jogador “passivo”, que aceita ordens e não as questiona. Pelé foi um dos pilares para o mito da “democracia racial” em um dos períodos mais violentos da ditadura, quando o ditador Médici estava no poder com a conquista da Copa do Mundo de 1970;

Dentro dessa noção o Estado conseguiu criar um modelo comportamental que veio a ser repetido e idealizado pelos jogadores dos clubes, pois aquilo que se via na Seleção Brasileira, costumava a ser repetido nos clubes. O pensamento e o comportamento aplicado pelas lideranças na CBD, atinge seu ápice na Ditadura Civil-Militar, que ocorreu de 1964 à 1985. Quando os jogadores sofriam duras represálias após fazer alguma crítica a ditadura, como foi o caso do jogador Tostão um dos principais nomes da Seleção Brasileira de Futebol, que foi sacado do time titular por alguns jogos e não daria mais entrevistas falando sobre o tema durante seu período na seleção. Em 1970, para o jornal

</http://memoria.bn.gov.br/DocReader/112518_03/11865/>. Acesso em 30 de junho de 2024.

³¹ Reportagem que destaca atuação de Pelé contra o Benfica, Jornal dos Sports(RJ). Disponível no link: </http://memoria.bn.gov.br/DocReader/112518_03/12120/> Acesso em 30 de junho de 2025.

³² As informações da construção do jogador Pelé como um “mito”, além da descrição dos aplausos pelos lusos. Disponível no link: </http://memoria.bn.gov.br/DocReader/112518_03/12139/>. Acesso em 30 de junho de 2025.



O Pasquim, Tostão criticou a Ditadura Militar mostrando um posicionamento contrário ao que estava acontecendo no país³³.

Às vezes, a gente tem que ficar sujeitos a coisas que vêm de cima, então a gente não pode dizer o que quer, o que pretende. O certo seria que todo mundo tivesse as suas ideias, falasse as suas ideias e mostrasse o que pensa, o que acha, e não a gente ficar numa coisa só e ficar sujeito a aceitar isso e não poder dizer mais nada, eu acho isso errado. (O PASQUIM, 1970. p. 15)

Após essa entrevista, o jogador não pode mais comentar sobre o assunto durante a ditadura, formas de resistência não costumavam aparecer no futebol brasileiro. Pois os maiores jogadores se encontravam omissos. Tostão afirma em sua entrevista, muitas vezes, os jogadores não buscavam saber aquilo que estava acontecendo no país. Além do medo da própria represália da CBD, podendo perder sua carreira caso se posicionassem. A CBD conseguiu internalizar normas sociais e de controle de comportamento, através da repressão e do medo nos jogadores. Através de governos autoritários que visavam a construção de uma identidade nacional através da figura masculina. Principalmente, após a publicação do Decreto-Lei 3199/41.

³³ A entrevista do jogador Tostão, na qual o jogador se posicionou contrário à diversos aspectos que estavam ocorrendo durante a Ditadura Civil-Militar, como censura, o posicionamento político dos jogadores, a religião e a ditadura. A entrevista pode ser encontrada em *O Pasquim*, 3 a 10 maio 1970, número 45, p. 14-17. Disponível no link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=938/>. Acesso em 20 de março de 2025.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estabelecimento do futebol como um elemento central da cultura brasileira deve ser entendido como o resultado de um projeto de engenharia social implementado durante o Estado Novo, pelo ditador Getúlio Vargas. A capacidade do governo varguista em perceber e utilizar o potencial simbólico do esporte revelou-se crucial na construção de sua influência ideológica. Além disso, é importante desmistificar os discursos nacionalistas que ainda permeiam a narrativa sobre o futebol brasileiro a fim de destacar as bases políticas autoritárias e ambíguas que sustentaram sua profissionalização e popularização.

As políticas restritivas durante o período deixam à mostra os obstáculos históricos que as mulheres enfrentaram ao tentarem se inserir e serem reconhecidas no cenário esportivo nacional. Essa situação evidencia que as desigualdades de gênero não devem ser vistas como eventos isolados ou passageiros, mas sim como padrões estruturais que são criados e reforçados por meio de leis e pronunciamentos oficiais.

No atual cenário histórico e social brasileiro, é fundamental examinar de forma crítica o Decreto-Lei número 3.199 de 1941, que vedava a participação feminina em várias modalidades esportivas, como um ponto crucial na análise atual sobre a interconexão entre gênero e esporte no Brasil. Destaca-se também a importância de desenvolver e colocar em prática medidas políticas afirmativas e corretivas que abordem de forma eficiente as disparidades históricas e estimulem a participação equitativa das mulheres em todas as esferas da atividade esportiva do país. Essas disparidades requerem, portanto, o reconhecimento de que a exclusão feminina do esporte institucionalizado não foi acidental, mas sistemática e sustentada por uma lógica de silenciamento social e disciplinamento de corpos.

A chamada “Batalha de Berna”, que aconteceu na Copa do Mundo de 1954, é um sinal da quebra de um padrão de identificar um time brasileiro pautado na improvisação e na falta de planejamento técnico. Esse evento acelerou uma série mudanças internas visando formar um novo imaginário da Seleção Brasileira: racionalizado, moderno e de acordo com as regras de conduta e disciplina estabelecidas pelas nações centrais do futebol europeu. Em uma sociedade cheia tensões entre o pensamento do mito da



"democracia racial" e as marcas do atraso, o futebol virou uma maneira simbólica para projetar o país no exterior sendo a disciplinarização dos jogadores uma condição indispensável para essa reconfiguração. A análise do papel do negro no futebol brasileiro demanda uma abordagem crítica que ultrapasse a perspectiva meritocrática tradicional. A inserção de jogadores negros, embora historicamente significativa, foi frequentemente condicionada a lógicas de desempenho

O futebol foi o caminho para a construção de diversos mitos, como os citados anteriormente. O conceito do *kultiviert* de “homem ideal”, serviu para construir jogadores que apenas recebiam ordens e não buscavam questionar. A elite do esporte, jogadores que alcançam grandes feitos, se tornam aquilo que os atletas que estão iniciando querem se tornar, pois sua imagem é construída como a figura de um herói no qual vai ser repetida pela sociedade ao seu redor, a figura de heróis individuais e não coletivos passa também pelo futebol. Esse fator gera a repetição de comportamento, suas ideias e atos, torna a inspiração de novos atletas que buscarão segui-los. A ideia de “imutabilidade” é algo que faz com que os jogadores não questionem a forma de pensar que “sempre foi assim” e a noção de etiqueta imaginada (ELIAS, 2001), inserida na Seleção Brasileira de Futebol com o PPMC, que tinha como objetivo “profissionalizar” os jogadores, torna um jogador que possui um “pensamento crítico” e demonstra isso, como alguém que está deslocado da equipe. Um exemplo claro são os jogadores que se posicionaram contra a ditadura Afonsinho, Reinaldo, Tostão e Sócrates. Foram alguns nomes que sofreram represálias, intimidações, não convocações, por não se enquadrarem no “ideal masculino do jogador brasileiro”.

O futebol brasileiro apresenta diversas rupturas e continuidades, mas nota-se um esforço para a manutenção de opressão de gênero do período em que o Decreto-Lei 3.199/41, artigo 54 estava vigente. O futebol feminino foi grandemente atingido por essa continuidade, o futebol se mantém como um espaço ainda bastante masculinizado, mesmo com uma luta constante das mulheres por seu espaço. Além do futebol, ainda representar o racismo estrutural, que diferente das ideias de Mario Filho não acabou. Mesmo com a constante luta de jogadores negros, ainda temos casos de racismo em todo mundo. O futebol brasileiro é um instrumento político que nas mãos de governos autoritários serve como o espaço no qual buscam retratar o “homem ideal”.



FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES

BRASIL. Decreto-Lei 3199 de 1941, art. 54

FILHO, Mário. O negro no foot-ball brasileiro. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947, p 293.

FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro, Rio de Janeiro, Mauad, 2003, 5ª edição, 2010.

A entrevista do jogador Tostão, pode ser encontrada em O Pasquim, 3 a 10 maio 1970, número 45, p. 14-17. Disponível no link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=938/>.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p, 138.

COSTA, Felipe Rodrigues da; TAVARES, O ; SOARES, A. J. G. ; FERREIRA NETO, A. Batalha de Berna (1954): a luta pelos sentidos de identidade no campo de futebol. Revista Movimento , v. 21, p. 155-168, 2015.

ELIAS, Norbert. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p, 20-25.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 1, p, 23-25, 98-121.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo : Contexto, 2009. p. 30-228.

GUTERMAN, Marcos. Médici E O Futebol: A Utilização Do Esporte Mais Popular Do Brasil Pelo Governo Mais Brutal Do Regime Militar. 2012.

HARTOG, François. Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 133-191



JUNIOR, M.A.F. Plano Paulo Machado De Carvalho: Um Projeto Modernizador Ou Uma Tentativa De Civilizar Os Jogadores Brasileiros? Recorde: Revista de História do Esporte , v. 7, p. 1-25, 2014.

LE GOFF, J. “Memória”. Enciclopédia Einaldi Memória – História, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

NASCIMENTO, Camylle Caldas Barreto do. Entre a política e a arquibancada, quando o avanço da extrema-direita invade os estádios: uma análise dos grupos ultras do Real Madrid Club de Fútbol e F.C. Barcelona. São Cristóvão, 2024

PIMENTEL, É. S. O Conceito de Esporte no Interior da Legislação Esportiva Brasileira: de 1941 até 1998. Curitiba, 2007.

PINTO, Surama Conde Sá. Crise nos anos 1920 e revolução de 1930. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Coleção O Brasil Republicano. v I. da proclamação da república à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006. p.390-399. PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007. P. 335-361.

POLLAK, Michel. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.201.

ROUSSO, Henry. A última catástrofe. A história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016, p. 219-279.

SAMPAIO, G. A. Mens sana in corpore sano? Os Estádios Monumentais De Mussolini, Salazar E Getúlio Vargas. Artis On , v. 7, p. 111-122, 2018.

SARMENTO, C. E. B. A Regra do jogo: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2007. v. 1. 246p.

VALERIANO, A., Malacarne. Donne e manicomio nell’Italia fascista, Donzelli, Roma 2017, p. 75.